

Monotongação de ditongos crescentes

realidade linguística e social

Dermeval da Hora

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

HORA, D. Monotongação de ditongos crescentes: realidade linguística e social. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 349-356. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Monotongação de ditongos crescentes: realidade linguística e social

Dermeval da HORA
Universidade Federal da Paraíba / CNPq

Introdução

Os estudos sincrônicos com base na fonologia do Português Brasileiro têm dominado o conjunto de trabalhos que se tem realizado nos diferentes centros de estudo de todo o Brasil. A dificuldade em se fazer uma fonologia diacrônica talvez seja o grande obstáculo para que tais estudos sejam mais produtivos. Essa realidade, acredita-se, pode ser mudada a partir de agora, principalmente com a edição de vários *corpora* a partir de manuscritos, uma iniciativa do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), que reúne pesquisadores de diferentes instituições de todo o Brasil.

Em se tratando de processos fonológicos presentes no Português Brasileiro, será objeto de análise, neste texto, aquele que envolve o uso de ditongos. Em relação a esses segmentos, temos, de um lado, sua redução, quase categórica, quando são considerados os ditongos decrescentes, a exemplo de “cadeira x cadera”, “touro x toro”, “caixa x caxa”, e nesse caso, os aspectos sociais já nem são mais levados em consideração. Trabalhos já realizados, de norte a sul do Brasil (PAIVA, 1986; SILVA, 1997), ratificam a quase categoricidade quanto à realidade desse processo. Por outro lado, em se tratando dos ditongos crescentes, observa-se que, em vocábulos paroxítonos, a exemplo de “ciência”, “edifício”, “espécie”, “árduo”, quando monotongados, podem estar associados, dependendo das vogais envolvidas, ao nível de escolaridade do falante. Aqueles com mais anos de escolarização terão maior probabilidade de aplicar a regra de monotongação, quando a saliência entre as vogais envolvidas for menos perceptível, como em “espécie” e “árduo”, ao contrário daqueles com menos anos de escolarização, que podem aplicá-la independentemente do grau de saliência entre as vogais. Entre estes, é possível encontrar também formas como “paciença”, “edifício”, avaliadas como sendo de menor prestígio. O interessante dessa variação é que ela associa a um processo muito comum no Português

Brasileiro, o de monotongação, a perfeita correlação entre o linguístico e o social. O linguístico representado pela saliência fônica que norteia as vogais envolvidas; o social, presente no uso da língua por falantes com anos distintos de escolarização.

Neste texto, o objetivo é avaliar o registro escrito desses ditongos crescentes em documentos dos séculos XVIII, XIX (FONSECA, 2003; OLIVEIRA, 2006) de diferentes comunidades, buscando o contraponto entre a realidade sincrônica e diacrônica e avaliando seu comportamento no contexto do Português Brasileiro.

1 Sobre os ditongos crescentes: uma visão sincrônica

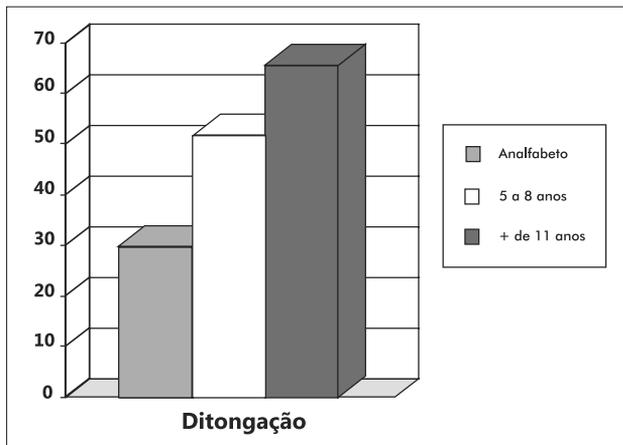
O processo fonológico a ser aqui discutido, sob a perspectiva sincrônica, diz respeito à monotongação. Não a monotongação dos ditongos decrescentes, aqueles considerados os verdadeiros ditongos, como os presentes em itens do tipo “cadeira”, “touro”, “caixa”, que, variavelmente, resultam em “cad[e]ra”, “t[o]ro”, “c[a]xa”. Esse tipo de ocorrência, no PB atual, de norte a sul, é quase categórico, como demonstram alguns estudos já realizados (MENEZHINI, 1983; BISOL, 1989; CABRERA, 1996; PAIVA, 1996; SILVA, 1997). As restrições sociais, nesse caso, já não têm influência. O sexo, a faixa etária, os anos de escolarização, com certeza, não mais serão selecionados como significativos.

O foco, aqui, serão os ditongos crescentes em palavras paroxítonas, a exemplo de “ciência”, “edifício”, “espécie”, “árido”, que, variavelmente, podem resultar em “cienc[ã]”, “edifiç[u]”, “espec[i]”, “ard[u]”, respectivamente. Os dados utilizados fazem parte do *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA, 1993), estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização dos informantes, todos eles nascidos em João Pessoa.

Diferente do processo de monotongação que envolve os ditongos decrescentes, considerando seu estado quase categórico, conforme demonstram os estudos citados anteriormente, e que já não selecionam mais as variáveis sociais, com os ditongos crescentes, todas as variáveis sociais analisadas foram selecionadas como significativas.

Tais monotongações podem estar associadas, por exemplo, dependendo das vogais envolvidas, ao nível de escolaridade do falante, como demonstra o Gráfico 1:

Gráfico 1: Anos de Escolarização

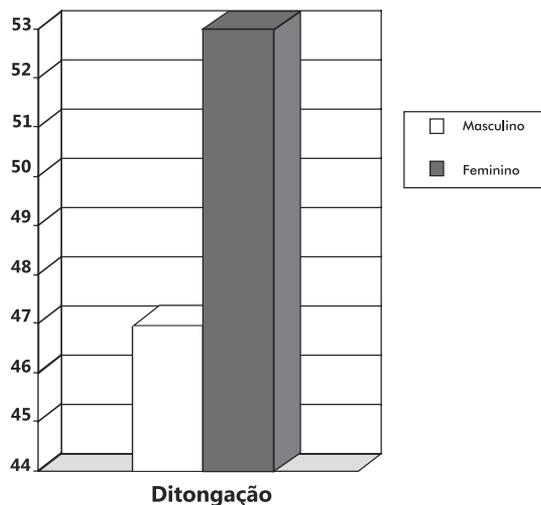


Falantes com mais anos de escolarização terão maior probabilidade de aplicar a regra de monotongação, quando a saliência entre as vogais envolvidas for menos perceptível, como em “espécie” e “árduo”, ao contrário daqueles com menos anos de escolarização, que podem aplicá-la independente do grau de saliência entre as vogais. Entre estes, é possível encontrar também formas como “paciença”, “edifício”. Nos dois primeiros casos, a redução é plenamente aceita, uma vez que o processo desencadeado com a elevação do ‘e’ e do ‘o’, respectivamente, é natural para o PB; nos dois últimos, a redução do ditongo com a manutenção apenas da vogal é fortemente saliente, considerando as distinções fonéticas existentes entre as duas vogais em jogo.

O interessante dessa variação é que ela associa a um processo muito produtivo no PB, o de monotongação, a perfeita correlação entre o linguístico e o social. O linguístico representado pela saliência fônica que norteia as vogais envolvidas; o social presente no uso da língua por falantes com anos distintos de escolarização.

Quando se leva em consideração a variável Sexo, os resultados obtidos ratificam a preferência da mulher pelas formas mais padrão, como demonstra o Gráfico 2, abaixo:

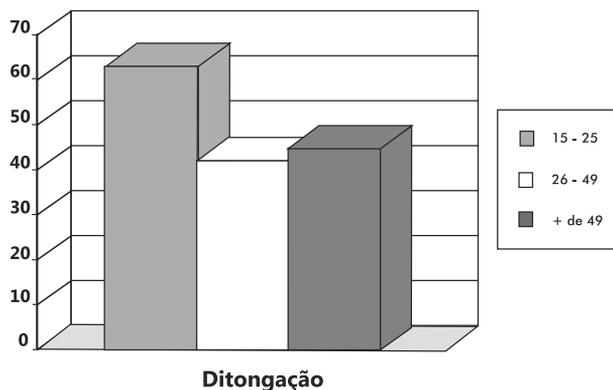
Gráfico 2: Variável Sexo



Os resultados mostram que a forma ditongada, a exemplo de ‘paciência, edifício, série, árduo’, é preferencialmente utilizada pelas mulheres, enquanto os homens preferem as formas monotongadas.

No que concerne à variável Faixa Etária, constata-se que a distribuição de uso da forma ditongada é preferencialmente utilizada por jovens (15 a 25 anos) e idosos (acima de 49 anos), como demonstra o Gráfico 3:

Gráfico 3: Variável Faixa Etária



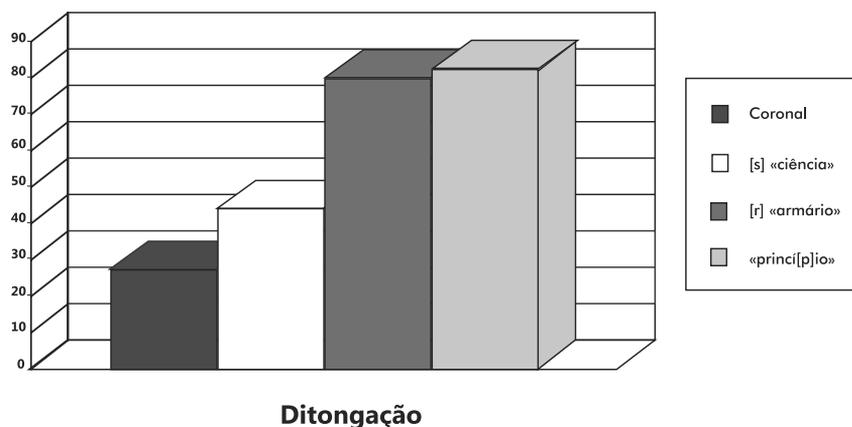
Considerando o previsto na literatura acerca da faixa etária, pode-se inferir que o processo de monotongação dos ditongos crescentes revela indícios de uma variação estável.

Das variáveis estruturais selecionadas pelo GoldVarb, o contexto fonológico precedente foi a mais significativa, por isso mesmo ela será a única discutida.

As coronais /s/ e /r/, preenchendo o contexto fonológico precedente, são fortes condicionadoras do processo de monotongação, o mesmo acontecendo com a labial /p/, como demonstra o Gráfico 4. Neste mesmo contexto, as coronais /l/ e /n/ são

fortes favorecedoras ao processo de monotongação, tendo em vista que a presença do *glide* coronal desencadeia um outro processo, o de palatalização, como demonstram os exemplos “exí[lju] > exi[λu]” e “hér[nja] > hér[na]”. Vale observar que o mesmo não acontece com as coronais /t,d/. Apesar de fortes candidatas ao processo de palatalização quando seguidas de [i, j] em boa parte do território brasileiro, como em “hós[tja] > hós[tʃa]”, “paró[dja] > paro[dʒa]”, o uso por parte do falante paraibano restringe-se à forma ditongada, visto que nessa comunidade o processo de palatalização das coronais /t,d/ é inibido diante de [i, j].

Gráfico 4: Contexto Fonológico Precedente



O que se depreende do apresentado é que as variáveis sociais, quando se trata do processo de montongação dos ditongos crescentes, determinam em muito o uso por parte do falante paraibano. Aliada às variáveis sociais, há também a presença de uma variável estrutural que contribui com resultados bem significativos. Isto demonstra como um processo fonológico tem relevância para os estudos sociolinguísticos na perspectiva variacionista, que busca correlacionar aspectos sociais a aspectos estruturais.

Essas considerações tiveram como base dados sincrônicos relativos ao Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba. Na seção a seguir, serão observados os dados sobre a monotongação relativos à diacronia.

2 Sobre os ditongos crescentes: uma visão diacrônica

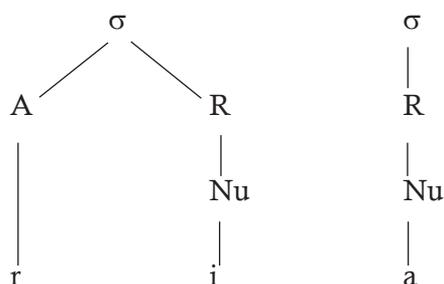
Como mencionado na seção anterior, no Português Brasileiro (PB), além dos ditongos decrescentes [ej], [ew], [ɛj], [ɛw], [aj], [aw], [oj], [ow], há os denominados de crescentes [ja], [jo], [je], [wa], [wo], [we]. Para Câmara Jr. (1970), estes últimos são restritos ao contexto em que aparece uma consoante oclusiva velar surda ou sonora, respectivamente, [q], [g]. Aqui, entretanto, serão levados em consideração outros casos, como indicam os exemplos em (1).

(1)

sandá.lja	prínci.pjo	sé.rie	hós.tia
mobí.lja	maté.rja	espé.cje	á.gwa
cór.nea	lá.bju	contí.uo	ó.djo
hós.tja	ofí.cju	ofí.djo	vár.zea

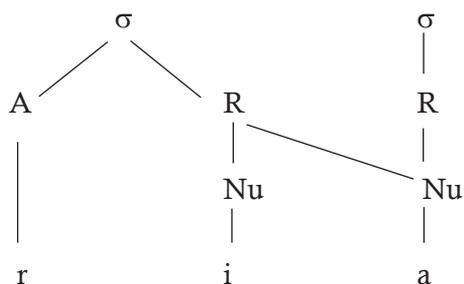
Segundo Bisol (1999, p. 739), os ditongos crescentes, em nível lexical, não existem; eles constituem, na verdade, um hiato, podendo ter a representação (2).

(2)



Neste caso, as vogais /i/ e /a/ constituem núcleo de sílabas diferentes. No nível pós-lexical é que os ditongos crescentes são derivados por ressilabação, como demonstra a representação (3).

(3)



A vogal /a/, núcleo da segunda sílaba, por ressilabação, passa a constituir o núcleo da primeira sílaba; e a vogal /i/, por sua vez, deixa de ser o núcleo da sílaba, e assume o *status* de vogal assilábica ou *glide*.

O processo de redução de ditongos crescentes não está restrito apenas à língua falada, como demonstraram os dados anteriormente discutidos. A consulta de manuscritos de séculos passados revela a sua presença. Há, porém, uma observação que deve ser feita: tal processo não aparece em todos os tipos de documentos.

Uma consulta aos manuscritos editados por Fonseca (2003), correspondentes a documentos oficiais dos séculos XVIII e XIX, revela que este processo não se faz presente,

ao contrário do que se observa quando da consulta aos manuscritos editados por Oliveira (2005), com dados relativos a textos escritos por negros. Os exemplos abaixo ratificam essa observação:

- comissão de syndicança composto
- i por is Crutino secreto
- Está Bom ho Relatoro poren
- Foi Lido o Relatorio do Prisidente (mesmo documento)
- para 1º. Secretaro Manoel Leonarde
- Ezabel 1º. *Secretário*
- para entiligença do Sosios (outro documento)
- para entiligença do Soçios
- são direitos judiciaro *que*
- Manoel Claudio
- osocio *Manuel* Cláudio

Nos dados levantados, são encontradas reduções de ditongos que apresentam saliência fônica acentuada entre o *glide* e a vogal, do tipo:

-ja (syndicança, entiligença)

-jo (is Crutino, relatoro, secretaro, judiciaro, Claudio)

Interessante observar que não foram encontrados casos de redução de ditongos em que a saliência fônica era menos acentuada, como naqueles ditongos que reúnem um *glide* anterior com uma vogal também anterior [je], ou também glide posterior com vogal também posterior [wo].

A análise dos dois conjuntos de manuscritos mencionados leva a inferir que, assim como na fala, a redução de ditongos crescentes em contextos de alta saliência está restrita a pessoas com pouca escolaridade. No caso dos manuscritos, especificamente, há evidências de que a escrita espelha a forma falada.

3 Considerações finais

O que se pode concluir do que foi apresentado é que a definição entre duas ou mais formas de dizer pode relacionar-se tanto a restrições de caráter social como de caráter linguístico, independentemente de se a análise é sincrônica ou diacrônica.

No caso dos ditongos crescentes, o comportamento do falante em relação às diferentes formas de dizer diz respeito, principalmente, ao que lhe é mais saliente. Isto é refletido tanto em dados de fala quanto em dados de escrita.

Referências

- BISOL, Leda (1989). O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n.2, p. 185-224.
- BISOL, Leda (1999). A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado. VII: novos estudos*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 701-742.
- CABRERA, S. H (1996). *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CÂMARA JR., Joaquim M (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes.
- FONSECA, Maria Cristina de A. P. (2003). *Caracterização linguística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX*. Tese de Doutorado. Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.
- HORA, Dermeval da (1993). *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*. João Pessoa, cd-rom.
- OLIVEIRA, Klebson (2005). *Negros e escrita no Brasil do séc. XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.
- PAIVA, M. C. A. (1996). Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis no português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 217-236.
- SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa (2004). In: HORA, Dermeval da (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti. p. 29-43.